

PARA ALÉM DOS MUROS: AS QUESTÕES DE IDENTIDADE E DIFERENÇA NO FILME *ENTRE OS MUROS DA ESCOLA*

Marli Siqueira Leite
Mestranda em Letras – Universidade Federal do Espírito Santo
Bolsista-Capes

Resumo: O objetivo central deste artigo é discorrer sobre as questões de identidade e diferença, buscando um breve aprofundamento do tema. Tomarei, como referência, sobretudo, o pensamento de Stuart Hall e, como mote para o estudo, *Entre les murs* (traduzido no Brasil por *Entre os muros da escola*). Sob a direção de Laurent Cantet, o filme, ganhador da Palma de Ouro em Cannes em 2008, é uma leitura do livro homônimo de François Bégaudeau, também ator e protagonista da narrativa. O desenrolar da trama comandará a reflexão acerca do tema – identidade e diferença –, questões que vêm sendo significativamente exploradas pelos pensadores contemporâneos, em tempos de um avanço poderoso dos estudos (multi)culturais.

Palavras-chave: Narrativa francesa contemporânea. François Bégaudeau – *Entre les murs*. Identidade – Tema filosófico-literário. Diferença – Tema filosófico-literário.

Abstract: The article's central objective is to discuss about identity and diversity issues, in order to deepen the theme. As a reference I will take, above all, Stuart Hall thoughts and, as a base to the analyses, *Entre les Murs* (translated to portuguese as *Entre os muros da escola*). This Laurent Cantet direction, a 2008 Cannes Gold Palm winner, is a François Bégaudeau homonymous book interpretation who is the narrative actor and protagonist. The plot development heads the reflection toward the theme – identity and diversity – issues that have been significantly explored by contemporaneous thinkers, in times of a powerful (multi)cultural studding's advance.

Keywords: Contemporary French Narrative. François Bégaudeau – *Entre les murs*. Identity – Literary and Philosophical Theme. Diversity – Literary and Philosophical Theme.

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a 'identidade' e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.

Stuart Hall¹

Entre os muros

Entre documentário e ficção, o trabalho de Laurent Cantet apresenta o cotidiano de uma escola da periferia de Paris, cujos alunos, em sua maioria de baixa renda e muitos deles

filhos de imigrantes africanos e asiáticos, questionam a todo instante a autoridade de seus professores, em especial o de língua materna, François Marin. Este é interpretado por François Bégaudeau, professor na vida real e autor do livro. Marin compõe o corpo de educadores de uma instituição responsável por receber alunos advindos de outros estabelecimentos de ensino. Os mestres se dividem entre os que já estão ali há alguns anos e os recém-chegados. Na primeira reunião, as apresentações variam: umas, um pouco mais animadas; outras, sem grandes expectativas e paixões.

A partir de então, as cenas se concentram na sala do oitavo ano, correspondente a nossa antiga sétima série, dando lugar, eventualmente, a episódios ocorridos na sala dos professores, nas reuniões do Conselho de Classe e no pátio, durante os intervalos. As breves passagens durante o recreio, tomadas do alto e de forma enviesada, contrastam com as de aula, nas quais as tomadas de câmera são quase sempre muito próximas, numa abertura escancarada para o que cada um tem a dizer, através da fala ou de gestos: olhares insolentes, sorrisos irônicos, dedos em riste. Desse modo, o discurso verbal, acompanhado por uma performance gestual, ganha relevo. Toda a narrativa se desenvolve em um embate argumentativo, que costuma terminar sem um fecho (e sem um vencedor). Esse silêncio na transição das cenas, processadas em planos-sequência, é o que instiga o pensar.

Embora as filmagens se restrinjam aos limites da escola (não se sabe, por exemplo, de onde vêm os alunos, onde moram e o que fazem longe dali), ela é apenas o pano de fundo para que se possa refletir acerca das questões destacadas nesta análise – identidade e diferença – e de tantas outras que permeiam a narrativa, como o engessamento das instituições educacionais, os aspectos relativos à aprendizagem, as metodologias pedagógicas, o processo democrático em sala de aula, os meandros do discurso, as relações de poder, o processo de dominação do colonizador sobre o colonizado. É preciso afirmar, portanto, que, independentemente do “diagnóstico” taxativo de que o filme é “bom” ou “ruim”, sempre tão limitador do debate e da reflexão, o originalmente *Entre os muros* permite ir além.

Os muros são muitos e, na versão brasileira, o título acabou por restringir a sua dimensão. Embora as cenas se desenvolvam apenas no espaço da instituição, esses muros extrapolam o âmbito da escola. As barreiras são de todo tipo e estão por toda

parte: separam professor de aluno; adulto de adolescente; meninas de meninos; professores mais tradicionais de outros, mais liberais; negros de brancos; negros africanos de outros negros africanos; branco marroquino de negro do Mali; fã de Didier Drogba (jogador da Costa do Marfim) de fã de Zidane (argelino e ex-craque da Seleção Francesa); mais pobres de “um pouco menos pobres”; góticos de não góticos; muçulmanos de católicos. A lista poderá ir muito longe se dermos continuidade às diferenças sugeridas pela obra. Passo a esmiuçar, então, alguns desses conflitos.

Os confrontos

Marin e seus alunos estão em embate frequente. Em uma aula sobre verbos, por exemplo, Khoumba (que parece ser de origem senegalesa; o filme não diz claramente) começa questionando o nome usado pelo professor em uma simples frase na lousa: “Por que Bill e não Aïssata?” (em outras palavras, por que um nome inglês e não africano?) - pergunta a menina, toda enfeitada com brincos cor-de-rosa e camiseta com inscrições em inglês (as contradições estão em toda parte, entre alunos e mestres)². Khoumba se recusa a ler e se mostra ainda mais insolente quando é forçada a conversar com o professor na saída e a dizer que se desculpava pela cena de desrespeito de pouco antes. E, depois da afirmação exigida pelo educador, completa com deboche: “Não fui sincera”. Na sequência, recusa-se a se manifestar em aula. Mostra-se imatura, irritante. Porém, no final, é ela quem alerta Marin, mais do que enfraquecido com o bate-boca fora de sala (episódio recheado de equívocos educacionais), sobre a possibilidade de Soleymane ser levado pelo pai, bastante rigoroso (e ausente), de volta para sua aldeia de origem no Mali, caso fosse realmente expulso da escola. Esse dado da vida pessoal do garoto leva o educador a argumentar, junto a seus colegas, em defesa da não expulsão do aluno. Discurso inútil.

Já Soleymane inicia suas provocações quando finaliza seu primeiro e brevíssimo texto de apresentação, dizendo que Marin gostava de homem. Desconcerta, assim, o mestre. Dessa forma se dá o início de uma sequência de embates que se intensificam gradativamente, levando à efetiva expulsão do estudante, mesmo contra a vontade do professor. Até esse desfecho, Soleymane (homem, negro e africano) entra em conflito com os colegas por várias razões: seja com Esmeralda (mulher, branca e francesa) por

bobagens, insultando-a pelo “mau hálito” e mostrando-lhe o dedo médio; seja com os colegas em função do futebol (com Rabah, que torce pelo Marrocos e se queixa da Seleção do Mali, e com Carl, que é argelino e torce pela França por conta de Zidane).

A mãe de Soleymane não fala francês, não entende e não chega a ter conhecimento das advertências do filho aplicadas pela escola. É o irmão quem assina os documentos. No Conselho para definir o destino do aluno, é o próprio quem traduz o que diz a mãe e os demais componentes da mesa. Soleymane apresenta uma versão a seu modo: de que ele era um garoto maravilhoso em casa, além de outros auto-elogios. Teria a mãe dito realmente aquilo? Em seu autorretrato, no qual inclui fotos com os colegas e uma de sua mãe tentando encobrir o rosto por não gostar de ser fotografada, ele mostra, textualmente, como se vê: alguém incapaz de produzir algo admirável. É Marin quem o elogia e expõe seu trabalho para que todos observem, em um gesto de sensibilidade. Em resumo, o garoto, com aparência de homem feito, apresenta dificuldades de aprendizado, não escreve com facilidade, por isso escreve pouco. Não se acha inteligente e habilitado a realizar um bom trabalho. A resposta dada aos outros por esse “complexo de vira-lata”, como diria Nelson Rodrigues, é a agressividade.

Com Esmeralda, a representante dos alunos no Conselho de Classe juntamente com Louise, os confrontos são também constantes e não mais amenos. Ela é uma típica adolescente de oitavo ano: uma verdadeira “panela de pressão”, como sugere um artigo francês que dá nota zero ao filme de Cantet (BRIZARD, 2008). Risadas fora de hora, olhares entediados, provocações: um festival de insolências. Implica com o colega chinês Wei, responde com igual agressividade quando é insultada por Soleymane. Este descobre por ela que o professor Marin, durante o Conselho, o tratara como “limitado”. A menina, por esse motivo, trava uma discussão com o mestre, que desabafa: “Vocês tiveram uma atitude de vagabundas”, referindo-se ao fato de as meninas terem revelado detalhes do que foi discutido durante a reunião. Afinal, não seria esse o papel de um representante de classe. A frase, dita em um momento de descontrole, é um dos deslizes mais gritantes do educador, ainda que, no fundo, ele tivesse razão e fosse capaz de atitudes sensatas e de sensibilidade. No fim, quando os alunos estão fazendo uma avaliação do ano e expondo o que mais gostaram e o que aprenderam, Esmeralda diz não ter apreciado nada, mas, em seguida, acaba por surpreender o mestre ao afirmar que havia lido e gostado de *A república*, de Platão: “Viu? Eu não sou uma vagabunda!”

afirma com um sorriso maroto, já não mais o irônico e debochado de antes. Outra afirmação de Esmeralda a ser destacada: “eu sou francesa, mas não tenho orgulho de ser”, verbalizando, assim, seu sentimento de não ser.

Os três casos apresentados nos levam a concluir que essa sensação de não pertencimento, de um não lugar, se já é comum nesse período da vida - momento de passagem de um espaço seguro e protegido da infância para o universo do adulto, que “precisa” ser e fazer, ele ganha ainda mais tinta se considerarmos a condição desses meninos: imigrantes/filhos de imigrantes, alguns advindos de países pobres de colonização francesa. O muro da língua, da cultura e dos poderes constituídos historicamente se impõe sobre esses jovens, só incrementando o barril de pólvora prestes a explodir. As reações são diversas. Há os que enfrentam com coragem e violência o confronto, como vimos anteriormente. Há os que se calam completamente e se excluem como sujeitos. Há os que atuam de maneira produtiva, mas cordata.

Este é o caso de Wei, aluno chinês extremamente esforçado, que faz de tudo para corresponder às expectativas dos professores (e corresponde), sempre com seu sorriso oriental, como o de seus pais. Por isso, ele é querido e protegido pelos educadores. Quando esses descobrem que a mãe do garoto será deportada, lamentam profundamente. Assim, Wei constitui a imagem do “bom selvagem”, aquele que se esforça para se adaptar, aceita a dominação e é protegido por ela.

Mas os conflitos não se restringem à sala de aula. Na sala dos professores ou nos Conselhos de Classe, François se mostra sempre em atrito com o seu colega de geografia, por exemplo, a começar pelo primeiro impasse a respeito da seleção do livro a ser indicado para o oitavo ano. Este opta por um dos clássicos de Voltaire, enquanto aquele discorda, acreditando que os alunos não teriam maturidade e preparo suficientes para o escritor francês (mal sabia ele que Esmeralda iria ler Platão!). Acaba por escolher *O diário de Anne Frank*, certamente mais coerente com o trabalho da escrita dos autorretratos, que iria propor mais à frente e mais apropriado para tratar da diferença e do preconceito. Afinal, Anne e seus parentes são prisioneiros judeus nas mãos dos nazistas. A menina, autora do diário, tem treze anos (o grupo varia entre treze e catorze) e faz da escrita a possibilidade de libertação de seu “Anexo Secreto” e de suas prisões internas. E não é isso que François propõe com o exercício de produção de texto? Desse

modo, fala e escrita tornam-se a mola para que os alunos avancem em seu processo de identificação. Ao propor a leitura de *O diário de Anne Frank*, Marin propicia que os jovens se reconheçam na história da garota judia. Ao propor o autorretrato, possibilita que se afirmem e se revejam. A escrita expõe a dor, propõe descobertas, gera satisfação. Socializar a escrita é uma forma de se dar ao outro, de se ler e de permitir ser lido. Segundo a educadora Madalena Freire:

A marca única, genuína (sangrada) do autor emerge dessa busca de si mesmo contaminado do outro na palavra. Dessa maneira, quando escrevemos, não buscamos somente respostas únicas, mas sim, [...] perguntamos. Permanente inquietação de ser vivo, que nos remete a nós mesmos e a nossa existência. Por tudo isso, escrever é muito difícil. Compromete mais que falar. Escrever deixa marca, registra pensamento, sonho, desejo de morte e vida. Escrever dá muito trabalho porque organiza e articula o pensamento na busca de conhecer o outro, a si, o mundo. Envolve, exige exercício disciplinado de persistência, resistência, insistência na busca do texto verdadeiro, aquele que "o homem escreve com o seu próprio sangue" [citando Nietzsche] (FREIRE, 1996, p. 38).

Marin parece ter consciência disso!

É preciso destacar, ainda, que a escrita permite o fortalecimento da diferença de forma mais organizada e reflexiva. O problema não está, pois, na diferença, mas na maneira como ela é tratada, conduzida e fortalecida, neste caso, pelo educador. Numa variação de recortes, como vimos anteriormente, cada um defende ora um papel, ora outro e, assim, o sujeito vai se constituindo. Ao contrário dos professores franceses que avaliaram negativamente o filme, acredito que a sequência de conflitos incontroláveis, com vítimas para todo lado, revela a falência de um sistema educacional que não consegue (e muito provavelmente não deseje) explorar as potencialidades do ser diferente. Da mesma forma, atrás dessa sala de aula ou dessa escola, há toda uma sociedade, demarcada pela intolerância e pelo desejo de dominação, de unificação, que rotula, subestima, comprime e exclui a diferença, não potencializando suas contribuições. Stuart Hall acredita que, em um movimento contrário, novas identidades estão surgindo e buscando se impor.

No cenário da sala de aula, os discursos se tornam gradativamente mais complexos, não caminham em uma direção única ou numa relação simplesmente binária, principalmente, porque o professor estimula a fala (e a escrita), embora não tivesse

conquistado uma autoridade suficiente para reger o debate sem descontroles. O que se tem são personagens imperfeitos. Pessoas. Nesse sentido, o fato de o filme contar com um professor real (e autor do livro) como protagonista, ter alunos que não são atores profissionais na composição da sala (quase todos com seus nomes próprios), numa escola real e em um ano letivo que vinha transcorrendo, fez com que a produção conquistasse uma naturalidade e um realismo bastante convincentes. A falta de verossimilhança denunciada pelos professores franceses e revelada no artigo “Nota zero” (BRIZARD, 2008) pode ser atribuída à dificuldade desse grupo em se ver nas falhas de Marin e dos demais e, em alguma medida, na incapacidade de seu país em se relacionar satisfatoriamente com os seus imigrantes. Na perspectiva desses professores-avaliadores, é como se a escola e os mestres retratados não correspondessem em nada à realidade das instituições francesas. Será? O "excesso de liberdade" observado nas conduções do professor de francês (como disseram, resquício de 68) pode ser um problema antigo, sim, mas não foi superado ainda. Tem-se hoje de tudo. Às vezes, o mesmo professor é capaz de um ato extremamente democrático, ora exageradamente liberal, ora excessivamente autoritário. Além disso, as estruturas das instituições educacionais são emperradas, extremamente arcaicas, burocráticas, inflexíveis, não acompanhando a vivacidade do conhecimento.

O que há, parece-me, é uma atitude de rejeição a um panorama que esses sujeitos detentores do poder não conseguem e/ou não querem ver: infelizmente (e aí o problema não se restringe à França), as escolas não vêm conseguindo conduzir satisfatoriamente, não só os conflitos na sala de aula, que envolvem a competência em lidar com a diferença, o preconceito, a intolerância, a falta de autoridade, mas também a sua principal tarefa: levar a aprender e a gerar conhecimento. É importante e triste destacar que, de um modo geral, a educação anda a reboque das demais questões no mundo todo. Até mesmo em muitos países desenvolvidos.

Crise de identidade

Como compreender a constituição desses sujeitos que atuam no filme? Como ler seu comportamento? Que identidades estão latentes ali?

Ao analisar o aspecto da identidade no mundo pós-moderno, uma necessidade que se impõe a todos nós, Stuart Hall afirma:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Para fundamentar essa assertiva, o teórico jamaicano traça um perfil das identidades ao longo da História, distinguindo três perfis: o do sujeito do Iluminismo; o social e o pós-moderno. O primeiro, construído numa visão "individualista" do sujeito e de sua identidade. O ser humano nasce, desenvolve-se ao longo da vida e carrega consigo o seu núcleo interior:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2006, p. 10-11).

Na constituição do segundo perfil, tem-se uma visão "interativa" da identidade e do sujeito, porém ainda sem se desvencilhar totalmente da existência de um "eu real" interior, imutável. Trata-se do sujeito social:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 2006, p. 11).

Já o terceiro perfil é o do sujeito fragmentado da pós-modernidade, que não possui uma identidade única e estável. Ao contrário, ele se apresenta sempre em processo e, por esse motivo, Hall prefere a expressão "identificação" à "identidade".

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias

identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2006, p. 12).

Ainda segundo o estudioso, em um mundo globalizado, as identidades nacionais estão se desintegrando como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global. E, em um movimento de resistência à globalização, novas identidades – híbridas – estão tomando o lugar das identidades nacionais.

No filme de Cantet, esse sujeito fragmentado, mutante, híbrido, em busca de uma afirmação no mundo globalizado, mostra-se bem representado, pois é justamente a variação de humores, culturas e identidades que mantém o conflito central da narrativa: nó afrouxado apenas na última cena, em uma partida de futebol entre professores e alunos no pátio da escola.

O desafio de se reinventar

Fazendo certo esforço e movimentando a câmera da obra de Cantet para o campo do conhecimento, podemos reconhecer, no personagem de Marin, o perfil do intelectual de um país colonizador, que, por muitos e muitos anos, vem ditando as regras no universo do saber. Se assim for, tem-se uma crítica ferrenha por parte do diretor (e do próprio professor, autor do livro, numa autocrítica) a esse processo de dominação. O filme nos leva a pensar, em alguma medida, que os países colonizadores (aqui, mais especificamente, a França) não estão preparados para e/ou não desejam lidar com a manifestação das diferenças, dos anseios, dos questionamentos e provocações dos pós-colonizados, até então submissos a uma fala impositiva e unilateral. Os casos de conflitos mal resolvidos, finalizados em embates físicos na França não são raros. Vide os episódios de violência extremada ocorridos na periferia de Paris em 2005, por exemplo. Com a globalização e o surgimento, no cenário econômico, de países como a Índia, esse confronto de hábitos, culturas e identidades tende a romper as fronteiras e a

despontar como um desafio para quem sempre esteve no comando³. O educador francês, no espaço da sala de aula, é essa figura levada a coordenar subjetividades em conflito permanente. O professor põe os alunos a falar, entretanto revela as suas contradições e, em vários momentos, certo desequilíbrio ao não conseguir administrar o que eles têm a dizer.

Esse é o quadro representativo de um tempo em que mais nada pode ser definido unilateralmente (como o sujeito do Iluminismo), ou duplamente (como em uma época em que o sujeito se construiu em um intercâmbio entre o interno e externo – tempo do “sujeito social”, como analisa Stuart Hall). Tem-se um sujeito, enfim, que se faz continuamente, de conflitos e descontinuidades. É preciso, portanto, que todos falem, porém o desafio está em ouvir o que todos têm a expor, principalmente os que sempre se calaram. Desafio histórico, mas que, na pós-modernidade, desponta como uma determinação, porque não se pode manter-se omissos em um mundo tão desigual, de tantos conflitos étnicos e sociais que terminam em rompantes de violência incontroláveis.

Mas “Pode o subalterno falar?” – pergunta Spivak: intelectual indiana, mulher, oriunda de um país colonizado que vem se firmando no cenário mundial (SPIVAK, 2003). É necessário que o subalterno fale, manifeste as suas potencialidades, contestações e resistências. Entretanto, ele precisa conquistar espaço para a afirmação de sua fala, embora a autora não acredite na autenticidade efetiva dessa manifestação, é preciso destacar. Desse modo, o discurso polifônico precisa ganhar e vem ganhando força. É necessário que as vozes da periferia, da mulher, do homem, do homossexual, do negro, do africano, do asiático, do latino-americano, nos seus mais variados recortes e combinações, possam ser ouvidas e respeitadas, ainda que elas estejam permeadas por outras vozes.

Na literatura, vê-se despontando e ocupando território as narrativas de empregadas domésticas, presidiários, moradores das favelas, *rappers*. A descentralização dos discursos, nessa pós-modernidade tardia, é fato, e o que se vê é o meio intelectual, universitário e pensante tentando se abrir para, não mais tentar falar por, mas ouvir e tentar entender essas manifestações. Foucault atesta que o intelectual não é mais consciência ou eloquência: quem diz a verdade a quem não pode dizer. As massas não

têm necessidade deles para saber nem para dizer. “Mas existe um sistema de poder que invalida este discurso e este saber” (das massas). É contra este sistema, do qual o próprio intelectual faz parte (como instrumento e como objeto) que ele deve lutar, contra essas formas de poder que instauram uma ordem do saber, da verdade, da consciência e do discurso (FOUCAULT, 2002).

Se os autorretratos produzidos pelos alunos da escola referida no filme – filhos de imigrantes, adolescentes, pobres – permitiram que seus problemas de identidade viessem à tona, faltou ao professor – o que “sabe”, o mais experiente, a autoridade em sala de aula – estofa para lidar com o que foi exposto, inclusive com os silêncios. Noire, aluna que pouco se expõe, chega ao final do ano afirmando nada ter aprendido: saldo de um ensino fracassado. O despreparo dos professores revela, enfim, o despreparo e a indiferença do mundo poderoso, colonizador e rico, diante da tarefa de lidar com a manifestação desses sujeitos, que sempre estiveram à margem.

Propondo um movimento de reação a esse cenário, afirma Franz Fanon:

Mas se queremos que a humanidade avance, se queremos levá-la a um nível diferente daquele em que a Europa a manifestou, então é preciso inventar, então é preciso descobrir.

Se queremos responder à expectativa dos nossos povos, é preciso dirigir-se a outro lugar, e não à Europa.

Mas ainda, se queremos responder à expectativa dos europeus, não devemos devolver-lhes uma imagem, mesmo ideal, da sua sociedade e do seu pensamento, pelos quais eles experimentam, periodicamente, uma imensa náusea.

Para a Europa, para nós mesmos e para a humanidade, camaradas, é preciso renovar-nos, desenvolver um pensamento novo, tentar pôr de pé um homem novo (FANON, 2005, p. 366).

O filme francês, nesse sentido, ao apresentar uma autocrítica, expõe a incapacidade e a indisposição de seu país (e dos demais colonizadores) em resolver essas questões – diversas, conflituosas, complexas – do mundo pós-colonial, propõe a todos o desafio de se buscar um “pensamento novo”, um “homem novo”, capaz de conviver e se enriquecer com a diferença, como sugere Fanon.

Referências:

BÉGAUDEAU, François. *Entre os muros da escola*. Tradução de Marina Ribeiro Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRIZARD, Caroline. Zéro pointé. *Le Nouvel Observateur*. Disponível em: <http://hebdo.nouvelobs.com/sommaire/notre-epoque/081107/zero-pointe.html>. Acesso em 28/11/2009.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FREIRE, Madalena. *Observação, registro, reflexão – Instrumentos Metodológicos I*. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “¿Puede Hablar el Subalterno?”. *Revista Colombiana de Antropología*, Santa Fé de Bogotá, v. 39, p. 297-364, 2003.

VELOSO, Caetano. *Estrangeiro*. [São Paulo]: Polygram, 1989. 1 disco sonoro, faixa 1.

ENTRE os muros da escola. Direção: Laurent Cantet. Produção: Caroline Benjo, Carole Scotta, Barbara Letellier e Simon Arnal. Paris: Canal +, 2007. 1 DVD (128 min).

Datas do parecer:
Envio: 14/04/2010
Entrega: 16/05/2010

¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 39.

² Apoiado em Freud, Hall reafirma a origem contraditória da “identidade”: “Os sentimentos contraditórios e não resolvidos que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, o conflito pelo desejo de agradar e o impulso para rejeitar a mãe [...] e assim por diante), que são aspectos-chave da ‘formação inconsciente do sujeito’ e que deixam o sujeito ‘dividido’, permanecem com a pessoa por toda a vida. Entretanto, embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse resumida e ‘resolvida’, ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma ‘pessoa’ unificada que ele formou na fase do espelho (HALL, 2006, p. 38).

³ Conforme Caetano Veloso, “O macho adulto branco sempre no comando” (1989).